

Entre a passeata, o ato e a parada: a construção social das emoções nas Paradas LBGTs

por

CLAYTON DA SILVA VIDAL

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o conjunto das emoções presentes nas construções jornalísticas sobre a Parada Gay, também conhecida como Parada LBGT. Ao tomar as reportagens publicadas no jornal O Globo no ano de 1995 e 2005, como possibilidades de representações emotivas, estabelece-se, aqui, um diálogo com os textos jornalísticos para entender como o percurso das emoções no espaço midiático estabelece sentido afetivo ao longo do tempo, através dos sentimentos vivos ou difusos que se contradizem ou modificam-se com o passar dos anos. Ao propor uma gramática sobre os conflitos morais presentes no contexto social, Axel Honneth entende haver uma luta por reconhecimento que se inscreve no campo do conflito. Sendo assim, compreendemos que a busca por reconhecimento impõe uma dinâmica conflituosa capaz de florescer maneiras próprias de tais emoções se constituírem, como sugere Breton. Deste modo, buscamos na Parada LBGT, megaevento capaz de aglutinar importantes atores sociais num complexo movimento social que articula a luta política e disputa por sentidos, as dinâmicas que se constroem no espaço midiático, regido por diferentes conflitos e rivalidades, pertencentes ao jogo político também em disputa.

Palavras chave: Reconhecimento social - LBGT - Jornalismo

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende entender como o atual megaevento denominado Parada do Orgulho LGBT (sigla que incorpora a representação das lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis) é capaz de impulsionar a luta por reconhecimento social num espaço midiático dominado por conflitos de diferentes naturezas. É importante ressaltar que o recorte comparativo dos anos de 1995 e 2005, proposto nesta abordagem, procura analisar os desdobramentos das ações deste movimento social ao longo do tempo. Sendo assim, os acontecimentos sofreram interferências de natureza midiática capazes de transformá-los em plataformas de negócios para diferentes interesses presentes na cidade do Rio de Janeiro, tendo a mídia como grande interessado nesse processo. Além disso, concebemos o evento como atividade política e social marcado e dimensionado, atualmente, por um tempo midiático, em que ao mesmo tempo é capaz de impulsionar uma luta por direitos e reconhecimento social (tornando as estratégias de ação da militância em um importante aliado na luta por prestígio e promoção social) e promover um fluxo de negócios rentáveis, financeiramente, em torno do movimento social.

Na medida em que as ações das LGBTs se constituem nos espaços urbanos, as temáticas do movimento social são promovidas pela mídia, e, acabam por se transformar em plataformas contemporâneas para divulgação das cidades, das dinâmicas comerciais do turismo, dos projetos políticos em disputa (favoráveis ou contrários), além dos interesses da mídia. Ao capitanear o fluxo dos movimentos sociais, ela assume um papel de liderança no cenário contemporâneo, tornando-se potencial difusora das temáticas políticas e culturais, podendo decidir qual é a importância dos eventos e simular uma participação dos cidadãos em torno das diferentes proposições. Neste ambiente as emoções são fomentadas a fim de atrair a atenção da participação dos cidadãos nos eventos marcados pelas sugestões de natureza midiática. Tal articulação insere a mídia como principal agente enunciador de sentidos, mas não o único, em torno das estratégias de poder e difusão cultural. Assim, esta pesquisa procura analisar as reportagens jornalísticas produzidas em dois momentos, para tentar compreender o modo de produção das representações do veículo em torno do evento. Assim, selecionamos as publicações dos anos de 1995 e 2005, quando o jornal O Globo

promove a primeira cobertura (1995) então denominada passeata e, num segundo momento (2005), identificando-a como Parada do Orgulho Gay do Rio.

Pautados pela temática da violência e dos direitos civis, ativistas e integrantes se organizam nas ruas da cidade do Rio de Janeiro com propósito de reivindicar demandas fundamentais para suas vidas. Não obstante ocupar os espaços urbanos, na busca por uma existência regulada por legislações específicas, os LGBTs enfrentam problemas de diferentes naturezas sociais, afetivas e de estima, principalmente em relação aos grupos conservadores que tentam limitar seu espectro de ação em direção ao reconhecimento. Nesse sentido, a ocupação dos locais públicos para manifestação das emoções, torna-se atividade fundamental para ressignificar e recuperar a cidade como elemento de inclusão.

1 - A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA EMOÇÃO NA PARADA DO ORGULHO LGBT

Breton afirma que o "homem está afetivamente presente no mundo" (2009; 111). E "a existência é um fio contínuo de sentimentos mais ou menos vivos e difusos, os quais podem mudar e contradizer-se com o passar do tempo e de acordo com as circunstâncias" (*idem*). Desta forma, a maneira como nos inscrevemos no mundo, marcando e estabelecendo sentido se dá através das emoções. Ela estabelece sentido com o outro, criando vínculos e estabelecendo significados que se modificam nas relações sociais. Nessa direção, Siqueira (2015) chama atenção para o fato de que "tanto o corpo quanto a emoção são elementos constituintes do processo midiático de construção de representações, de reforço de imaginários, de produção de sentidos" (*idem*; 16). Neste contexto, os meios de comunicação são potentes propulsores para dinamizar as dinâmicas emotivas, sejam elas positivas, ambíguas, negativas, intensas e até mesmo contraditórias, e, como propõe Siqueira (*ibid*), "corpo e emoção são usados como elementos para reforçar alguma outra mensagem" (*idem*). Sendo assim, a maneira como os meios de comunicação constroem as representações, permitem vislumbrar e entender que nas Paradas LGBTs, há dinâmicas conflitivas em jogo que conjugam interesses econômicos e busca por reconhecimento de direitos.

Muito além de uma dimensão econômica, a Parada do Orgulho LGBT é uma festa de rua que cria uma atmosfera emocional no espaço urbano, capaz de produzir uma noção fabricada de pertencimento e cidadania (Sanchez; 2009), mas que se torna

importante para a luta por reconhecimento. A apropriação do local público transforma a rua num aglomerado, capaz de nutrir a imaginação das diversidades em busca de prazer e diversão. Neste cenário, da fantasia das frivolidades (Lipovetsky e Charles; 2004), a emoção é um elemento construído e idealizado para ser uma ligação em torno da força produtiva e da "promoção social dos signos da diferença social" (idem). Além disso, o contato dos corpos nas manifestações de rua é o local onde a experiência corporal se realiza e constitui a dimensão dos afetos, conforme destaca Sennett (2003).

As estatísticas do megaevento espelham a relevância e dimensão as quais se transformou a Parada Gay, algo para além dos desdobramentos provenientes da aglomeração. Desta forma, a partir da luta por reconhecimento (plataforma política do movimento social), pretendemos explorar as tensões, bem como o conjunto de emoções presentes na manifestação social. Além disso, entender a maneira como a mídia produz uma imagem sobre o evento a fim de inseri-la numa articulação complexa em torno do reconhecimento e da simulação de um pertencimento político em torno da luta por prestígio e promoção social.

2 REFERÊNCIAS CONCEITUAIS

A noção de megaevento não apresenta consenso entre os pesquisadores, mas alguns pontos são fundamentais para destacarmos aqui. A abordagem utilizada será a de entender o megaevento como um acontecimento capaz de provocar "enorme impacto urbano, com grandes alterações no cotidiano das cidades, interferindo no imaginário das pessoas e podendo se converter na centelha de movimentos sociais" (Freitas; Lins e Santos; 2014;04); apresentar "impacto massivo na mídia" (*idem*) e não se restringir ao "tempo de sua duração" (*ibid*). O papel de visibilidade proporcionado pela narrativa midiática irá produzir uma "identificação, um suspense e um sentimento de pertencimento" (Freitas; Lins e Santos; 2013; 04).

A ideia de pertencer, no caso da Parada do Orgulho LGBT, cria uma atmosfera propícia aos simpatizantes e antagonistas do evento, pois as diferentes narrativas, em relação ao acontecimento, transformam o espaço midiático numa arena de conflitos, o que provoca intensidade no agendamento da Parada, na mídia, e também no desenrolar da caminhada no espaço urbano. A Parada é um momento de efervescência onde a cidade aglomera uma multidão que se desliga de si "para participar de uma emoção coletiva" (Siqueira; 2015; 21) para se integrar ao outro em busca de marcar sua presença

no mundo como sugere Breton (2009). Nesse sentido, "as atividades da programação devem propiciar esse momento de estar junto, de compartilhar emoções" (Freitas; Lins e Santos; 2013). É na circunstância de comunhão que a cidade se transforma para afirmação da identidade dos indivíduos no grupo criando o ambiente de uma "comunidade social, uma maneira de se reconhecer e de poder se comunicar em conjunto sobre a base da proximidade" (*idem*; 2013).

Por outro lado, a cidade está inserida no contexto da globalização, onde os alinhamentos estratégicos visam à inclusão dos países nas chamadas democracias representativas. Tal perspectiva adere ao pensamento de Sánchez (2001) ao afirmar que o contexto econômico do modelo neoliberal impõe a reformulação do espaço urbano como legitimação política modernizadora das cidades-modelos, uma vez impulsionadas pelo acentuado discurso midiático da fabricação da cidadania (*idem*).

A teoria do Reconhecimento de Axel Honneth procura alinhar três premissas na discussão sobre os conflitos sociais contemporâneos, a saber: o amor (possibilidade de auto-confiança); o reconhecimento jurídico (auto-respeito) e a solidariedade (auto-estima). Para o autor, o Reconhecimento se dá na medida em que a relação intersubjetiva do indivíduo é construída com outros sujeitos, isto é, minha constituição como pessoa só é possível no assentimento dos outros.

Por reconhecimento entendemos serem os valores intersubjetivos que ocorrem entre os indivíduos capazes de lhes conferir identidade. Na luta por aceitação destacamos as conquistas sociais que os indivíduos adquirem mediante aos conflitos travados em diferentes naturezas. (Referimo-nos às mortes de gays e também à baixa produtividade do Estado na confecção de políticas públicas, sobretudo com os excluídos do processo do consumo). Para exemplificar destacamos as três dimensões de reconhecimento propostas por Honneth: a *dedicação emotiva* (possibilita ao indivíduo confiança em si mesmo e, por conseguinte acesso aos projetos pessoais, como as relações amorosas e amizades), o reconhecimento *jurídico* (qualifica autonomia subjetiva do indivíduo e a *estima social*) produz solidariedade.

Sendo assim, pretendemos compreender como se articula a luta por reconhecimento social, uma vez que os conflitos sociais não se dissolvem, mas se intensificam exigindo dos indivíduos comprometimento com as causas LGBTs e as prerrogativas sociais. Para Souza (2000) "o conflito deixa de ser algo negativo e transitório e passa a indicar o momento positivo de formação e desenvolvimento do processo social, que de outro modo permaneceria opaco e inconsciente, sendo o próprio

motor da lógica do reconhecimento" (*idem*). Deste modo, o reconhecimento social emerge num cenário de ambivalências e conflitos individuais, onde “só é possível autonomia individual pelo reconhecimento mútuo, intersubjetivo”, como adverte Patrícia Mattos (2006, p.21).

3 A CIDADE COMO PLATAFORMA DOS NEGÓCIOS E DAS EMOÇÕES

O modo como a Parada do Orgulho LGBT correlaciona a luta por reconhecimento e a promoção dos grupos sociais, nos ambientes urbanos, é marcado pela força do modelo de atuação midiática e pela maneira como a cidade se transformou numa plataforma de negócios. Entendemos que esta dinâmica se constitui num procedimento de apropriação do espaço urbano, influenciado pela ação mercadológica. O procedimento transforma a imagem da cidade numa marca contemporânea (Sánchez, 2009), capaz de produzir uma percepção sobre a cidade. Este aspecto se dá a partir da visibilidade midiática sobre o megaevento que procura estabelecer uma relação com a marca e as cidades que abrigam o acontecimento. Essas relações estão vinculadas ao que Sánchez define como a fabricação da cidadania, na medida em que, por força da globalização, as cidades se transformaram em mercadorias e a participação dos cidadãos obedece a um modelo estímulo midiático à participação. Assim, é vital observar as estratégias utilizadas pelo movimento LGBT na direção da promoção de suas ações, num campo dominado pela viabilidade dos negócios e interesses comerciais. Deste modo, entendemos que tais mecanismos são capazes de articular ações políticas que alternam a dimensão dos direitos civis (táticas de apropriação do espaço urbano) e a divulgação e realização dos megaeventos. Neste sentido, é importante observar como a cidade do Rio de Janeiro precisou se adequar estruturalmente aos formatos e modelos dos últimos acontecimentos, tais como a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016).

Ainda no contexto das cidades, Sánchez (2001) irá demonstrar que elas se reinventam no contexto da Globalização. Para a autora, as mudanças impulsionadas pelos modelos econômicos, em vigor, afetam a formulação e legitimação dos modelos de políticas urbanas. Impulsionada pelas estratégias midiáticas, a imagem de uma cidade-modelo passa a ser legitimada por diferentes circunstâncias que nela irão ocorrer. Incluímos nesse ambiente os eventos LGBT, as políticas de segurança pública, os

processos de reurbanização, entre outros, que demarcam a reconstrução dos cenários urbanos no presente momento da economia.

As Paradas do Orgulho LGBT estão inseridas naquilo que Sánchez (2001) irá chamar de "fabricação da cidadania" que situa o cidadão numa condição de espectador dos megaeventos. Os agentes do poder apresentam-se como interessados no controle e comando do imaginário e das representações, ampliando a área de atuação para além das diretrizes políticas e econômicas, assim como adverte Sánchez: "Grandes empresas de publicidade e marketing e os principais veículos da mídia dominam os conteúdos e sua divulgação, daí porquê os principais agentes a elas relacionadas concentram imenso poder, que não é simplesmente o poder do dinheiro, mas o poder que a riqueza exerce sobre os espíritos, sobre as mentes." (*idem*, p. 40). O âmbito do consumo, mais do que uma articulação econômica e política, pretende exercer controle sobre a forma de pensar a cidade. Esta formulação, em torno da cidade, como uma mercadoria que precisa ter sua imagem promovida, ultrapassa a condição de vivência e moradia.

Ora como participantes ou beneficiados, os habitantes da cidade precisam conviver com as diferentes vozes no ambiente urbano. Sendo assim, devem acreditar fazer parte das decisões tomadas pelos governantes. Com isso, se tornam membros de uma cidade contemporânea, porque estão incluídos na ambientação promocional das cidades como marcas. Na condição de espectador, a observação torna possível as experiências entre os corpos, ainda que passiva, como explica Sennett. Através dos "meios de comunicação experimentamos nossos corpos de uma maneira mais passiva". Entretanto, "o que poderá tornar as pessoas mais conscientes uma das outras, mais capacitadas a expressar fisicamente seus afetos?" (2003). São os contatos entre os corpos, determinados pelo espaço físico, esclarece Sennett. Sendo assim, "a assistência ao espetáculo cria uma forte ilusão de participação." (Sánchez; 2001)

Portanto, mais do que uma inserção econômica, o megaevento se caracteriza por uma forte conotação de participação e promoção social, de estar presente numa relação política onde as decisões são formadas por poucos membros pertencentes aos chamados campos de poder. Seja no papel dos Estados ou dos municípios, as decisões não são tomadas pelos diferentes atores da luta simbólica por direitos, mas comunicadas pela mídia, após o planejamento das lideranças econômicas, com vistas à inclusão dos países na denominada democracia representativa.

4) A IMPORTÂNCIA ENUNCIATIVA DAS PARADAS LGTBs

É importante compreender como as dinâmicas jurídicas se tornam instrumentos relevantes para os conflitos sociais relacionados à temática deste trabalho, pois são entendidas aqui como a esfera que consegue equiparar as tensões presentes na camada social. Além do mais, uma análise sobre o megaevento como forma de promoção das cidades e a percepção de suas imagens, são cruciais para o momento das metrópoles Rio e São Paulo. Podemos destacar: a recente decisão do Supremo Tribunal Federal ao aprovar o reconhecimento da união homoafetiva como entidade familiar, a cobertura da mídia sobre os megaeventos, o significativo poder de consumo do segmento em destaque, somados à marca LGBT, despertaram o interesse para a construção desse objeto.

A Parada do Orgulho LGBT constitui-se num objeto de pesquisa relevante para compreendermos aquilo que Honneth observa como a gramática dos conflitos sociais. A sociedade brasileira encontra-se em momento importante para alavancar políticas de igualdade racial, gênero e sexualidade. As contradições da atualidade requerem uma análise mais cuidadosa sobre a teoria do Reconhecimento a fim de entender como os desafios podem ser superados através da normatividade jurídica, das condições de solidariedade e amor, a fim de que o reconhecimento progressivo, como afirma Souza (2000) estimule novas lutas. Neste sentido, o autor admite que "o sujeito deve ser visto como alguém que, (...) através da aceitação por parte de outros sujeitos (...) sente-se reconhecido e, conseqüentemente, em comunhão com estes, possibilitando sua disposição de também reconhecer o outro (...)" (*idem*;135).

A ocupação da rua faz lembrar o que Sennett (2003) destaca como a necessidade de conscientização do corpo ou naquilo que Maffesoli atribui à disposição ao outro. Para Sennett, "(...) as relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas reações mútuas, como se veem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam." (*idem*; 17). Assim, é no espaço físico da rua que a consciência do corpo toma forma, no estar junto vamos percebendo a existência do diferente e, também, a nossa. Estar presente na rua é afirmar a existência, é ressaltar seu papel na luta por reconhecimento. A cidade, como local de ajuntamento, dinamiza os sentidos e significados dos corpos, disponibilizando-os e tornando-os disponíveis. Nesse contexto o corpo se reelabora, se transformado em objeto de desejo.

Entender os diferentes processos sociais em torno dos indivíduos nos ajuda a compreender os valores ético-competitivos que implicam formas de reconhecimento.

Sendo assim, é na dinâmica das cidades que estamos inseridos nos mecanismos indutores e sedutores da mercadoria em exposição, inclusive do corpo, uma vez que ele está inserido na "subjetividade dominante" (Siqueira; 2007). Compreender as mediações do reconhecimento possibilita a compreensão sobre as exigências contemporâneas por justiça e as necessidades de ampliação dos direitos para as diversidades.

5- A PARADA GAY NO RIO DE JANEIRO

Inicialmente, o foco das Paradas do Orgulho Gay é a violência contra homossexuais no Brasil. E, a partir de então, o movimento amplia suas ações para o combate a violência homofóbica no Brasil. Neste sentido, podemos destacar a Parada como importante articulação do movimento homossexual, que retomou seu ativismo nos anos 90, após uma pausa por conta da epidemia da AIDS (anos 80), conforme relatam Ramos e Carrara (2006). Por outro lado, Facchini (2016) mostra que:

o movimento brasileiro nasce no final dos anos 1970, predominantemente formado por homens homossexuais". Mas logo nos primeiros anos de atividade, as lésbicas começam a se afirmar como sujeito político relativamente autônomo; e nos anos 1990, travestis e depois transexuais passam a participar de modo mais orgânico. No início dos anos 2000, são os e as bissexuais que começam a se fazer visíveis e a cobrar o reconhecimento do movimento. (Facchini; 2016; s. pág.)

Assim, a partir dos anos 90 o ativismo retoma as ações de rua para reivindicar direitos e igualdade, frente à histórica violência contra esses grupos sociais, além de incluir tais estratégias discursivas como importantes aliados no combate à homofobia. Desta maneira, o cotidiano da cidade e também de sua população passam a integrar as dinâmicas conflitivas que proporcionam a luta por reconhecimento.

O ponto de partida são duas reportagens publicadas pelo jornal O Globo, a primeira em 1995 e a segunda em 2005. Ao recortar esses anos, como bases comparativas para este estudo, um dos objetivos foi refletir sobre as dinâmicas das representações sociais da Parada LGBT, na cidade do Rio de Janeiro e, com isso, identificar como o movimento social foi representado, a partir da primeira década de existência e como ele é apresentado na atualidade.

O ano de 1995 é identificado como primeira manifestação do orgulho gay no Brasil, como afirmam Facchini (2016) e Paris (2015). Dessa forma, o evento foi registrado pelo jornal O Globo, como uma marcha/passeata de 500 gays num protesto

contra a discriminação sofrida por gays e lésbicas, realizada na Praia de Copacabana. Essa demonstração marcou o encerramento da 17ª Conferência Anual da Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA), ocorrida no Rio de Janeiro, como descreveu o veículo no dia 26 de junho do ano referido (ver figura 1). Apesar de denominar a atividade como marcha/protesto, o texto jornalístico destaca as faixas, bolas coloridas e fantasias usadas pelas travestis, remetendo o acontecimento à dimensão emotiva do carnaval. Para observar o caminho histórico da manifestação, procuramos no ano de 2005, dez anos após ação inicial, o que, efetivamente, havia evoluído em termos de direitos e como o movimento conseguiu engajar outros manifestantes.

Esses elementos foram utilizados na reportagem de 27 de junho de 2005, do jornal O Globo para abrir a discussão em torno da Parada Gay. Uma contabilização da quantidade de envolvidos na manifestação. De um lado os organizadores afirmam ter 800 mil pessoas e, de outro, a Polícia Militar com um número de 400 mil. A matéria questiona, inclusive, a capacidade de mobilização dos LGBTs à causa ativista. Tal medida, não leva em conta o significado do evento, mas, procura em reduzir as estratégias de ação a um marcador numérico. Todavia, a retórica festiva e carnalizada insere a presença da diversidade como elemento capaz de estabelecer conexão, como destaca Siqueira: "a presença do outro desperta em nós o sensível, uma percepção além do aspecto cognitivo" (2015; 24). Sendo assim, a produção de significados é gerada no contato com o outro, permitindo que "o corpo sujeito-objeto percebido e que percebe é produtor de sentidos, além de também os reproduzir" (*idem*).

A marcha dos gays contra a discriminação

Protesto marca encerramento de conferência

Cerca de 600 gays e lésbicas participaram de uma passeata ontem na Praia de Copacabana para mostrar a sua bandeira: um pavilhão de 124 metros de comprimento por nove de largura com as cores do arco-íris, um dos símbolos do movimento homossexual. Eles protestaram contra a discriminação sofrida por gays e lésbicas.

A passeata, que marcou o encerramento da 17ª Conferência Internacional de Gays e Lésbicas, reuniu homossexuais do Brasil e do exterior. Com um carro de som emprestado pela CUT, gays e lésbicas percorreram a Avenida Atlântica no trecho entre o Hotel Copacabana Palace e o Posto Seis. As faixas, bolas coloridas e fantasias usadas por travestis atraíram a atenção de moradores e banhistas. Algumas pessoas até confundiram a manifestação com desfile de escola de samba.

Luiza Cagliari, de 74 anos, que assistia à passeata, estava se divertindo com os gays: — Estou achando maravilhoso, eles são engraçados.

O guarda-roupa era uma atração à parte. Um dos participantes, que se identificou como Rose Bombom, usava saia e batinha feitas de latinhas de cerveja prensadas. Valdo Pereira, também conhecido como Adriana, chamava a atenção com um vestido preto de seda bordado com camiflões franceses. O presidente do Grupo Gay da Bahia, Luiz Mott, disse que o encontro encerrado sexta-feira não deixou nada a dever às ocorrências internacionais de gays e lésbicas.



A passeata de gays e lésbicas ocupa o calçadão de Copacabana

Cláudia Raia coroa médico Miss Rio 95

O clínico geral Fernando Soares, de 25 anos, foi escolhido na madrugada de ontem Miss Rio de Janeiro Gay 1995. A atriz Cláudia Raia, integrante do júri, coroou Débora Lucchesi — pseudônimo do médico. Emocionada depois da coroação, Débora — que tem 1,90 metro de altura, calça sapatos número 43, mora no Flamengo e tem um consultório particular — disse ter apenas um sonho na cabeça: ganhar a eleição de Miss Brasil Gay, que acontecerá no dia 19 de agosto, em Juiz de Fora (MG).

A eleição foi na quadra da Escola de Samba Estácio de Sá. Cerca de 1.800 pessoas assistiram à apresentação das 20 candidatas, vestidas com vestidos, sedas, plumas e pérolas.

Os figurinos eram de Henrique Filho, costureiro da apresentadora Xuxa. O público ovacionou a eleição de Débora.

Entre os jurados, estavam os atores Miguel Falabella e Leonardo Vieira.

— Débora foi a candidata mais bonita, elegante e natural de todas — afirmou o ator Leonardo Vieira.

Lei dificulta a compra de ácidos, éter e acetona

Desde março deste ano está mais difícil comprar, vender, transportar, distribuir, utilizar, importar e exportar produtos como acetona, ácido clorídrico ou muriático, ácido sulfúrico, éter, permanganato de potássio e outros que possam ser utilizados na elaboração da pasta de cocaína e outras substâncias entorpecentes. O Governo federal sancionou a Lei 2.017 em 30 de março estabelecendo normas de fiscalização mais rígidas para 11 produtos químicos, usados legalmente para desentupir ralos e limpar maquinários, entre outras coisas.

Para obter os direitos de comercialização e uso, as empresas têm que se cadastrar e requerer licença de funcionamento ao Departamento de Polícia Federal, em Brasília, pagando 300 UIR (R\$ 211,60), através do Banco do Brasil, agência Central, ao Fundo de Prevenção, Recuperação e Combate às Drogas de Abuso (Funcaab). Um empresário que procurou a PF no Rio para saber como obter a licença foi informado de que apenas uma firma funciona como despachante: a International Business, em Brasília, que cobra R\$ 350 de cada cliente.

Ele fez a denúncia ao GLOBO, que descobriu que o diretor técnico dessa empresa é o delegado aposentado Sérgio Sakon. Sakon foi, até março, diretor da Divisão de Repressão a Entorpecentes da Coordenadoria Central da PF, em Brasília, e um dos policiais que mais brigaram para que a fiscalização sobre esses produtos fosse mais rigorosa.

— Essa empresa não é autorizada pela Polícia Federal — disse Viviane da Rosa, chefe da Assessoria de Comunicação Social

Figura 1 - O Globo, Primeiro Caderno, pág. 12, 26/06/1995

É interessante pensar que tanto em 1995, como em 2005, a ausência sobre uma reflexão das existências está nítida. O texto jornalístico não se propõe a pensar e posicionar os direitos, intenções e desejos presentes nas ações de rua. Não há referências, mas sim ausências que insinuam reflexões importantes para o lugar dos corpos e seus desejos. As diversidades e variedades não são tensionadas no texto, apenas superficializada através dos valores noticiosos característicos do texto jornalístico. Porém, é possível perceber, tanto nas reportagens de 1995 e 2005, que as representações espelham um olhar normativo sobre a sociedade e os LGBTs, ou seja, como elas devem ser e agir nas manifestações. Tomemos como exemplo o texto da reportagem "A marcha dos gays sobre a discriminação". O texto faz alusão a gays e lésbicas, no entanto, o título só faz referência a homens. Na matéria de 2005, "O arco-íris enfeita orla de Copacabana", apesar de haver menção à multiplicidade, o artigo definido utilizado ainda é masculino. Mais um detalhe: as discussões em torno da denominação GLS, LGBT, por exemplo, já haviam sido tematizadas pelos grupos aqui em discussão e se tornado motivo de debate entre eles sobre o papel e função das siglas como fator de inclusão de todas as diferenças e não a hegemonia dos homens gays.

Mesmo assim, tais aspectos fundamentais para o reconhecimento da diversidade, passam despercebidos pela reportagem. Essas percepções são significativas para acessar as zonas mudas (os silêncios), presentes nas representações do jornal, sobretudo no caso da letra “T” que identifica as travestis, transexuais e transgêneros, para exemplificar.

A reportagem do Globo, em 1995, está estabelecida a partir dos elementos do carnaval. O diálogo e a aproximação do público são elaborados através de um recorte popular. Imagens, palavras e aspectos que compõem o texto remetem a Parada ao cenário da maior festa de rua da cidade do Rio de Janeiro. Um dos primeiros ícones do movimento social é a referência à bandeira arco-íris, símbolo da comunidade LGBT, onde a mesma é chamada de pavilhão (alusão direta ao carnaval), assim como toda a representação é construída. Mas, o que encobre a bandeira? É a prática sexual, comum entre as gays, onde o toque, sexo e o desejo estabelecem conexão entre os corpos e entendido, aqui, como fenômeno social (Maffesoli, 1985). No entanto, o significado de tais aspectos se transforma num elemento que remete à carnavalesco, como foi feito no caso da escolha da Miss Rio 95, realizado na quadra de samba da Estácio de Sá. A efervescência, elemento facilitador do desligamento de si para integração da emoção coletiva (Siqueira; 2015), é desconectada da Parada, para ser ressignificado a partir da ideia de um concurso, semelhante ao modo de escolha das rainhas de bateria na folia carioca. Em outro extremo, não é possível perceber que a dimensão da fantasia, do luxo e do glamour, fundamentais no imaginário das travestis, estejam representados no contexto jornalístico da reportagem.

Numa relação comparativa entre a matéria de 1995 e 2005, esta última não traz novidades. A primeira parte do texto privilegia o embate entre organizadores e a Polícia Militar, quanto ao número de participantes. Há uma tentativa de desqualificar o movimento que perpassa pela ideia de um quantitativo, entendido como algo capaz de demonstrar algum nível de engajamento político no megaevento. No entanto, ao pensarmos outras categorias para análise do acontecimento, representado pelo jornalismo, podemos entender que a multidão, o ajuntamento (ver fig. 2), presente na orla da Praia de Copacabana, demonstra o sentido da efervescência, dos afetos que nos ligam ao mundo e constroem sentido a partir do ser junto com (Maffesoli; 1985), aquilo que me estabelece a partir do contato com o diferente. Além disso, a imagem da extensão praiana mostra a relação dos indivíduos com os cidadãos da cidade, estabelecendo sentido para os valores intersubjetivos em disputa onde o sujeito reconhecido, ou em busca de, é capaz de reconhecer o outro, conforme assinala

(Honneth; 2003). De outro modo, não podemos desprezar o fato de que o discurso jornalístico amplia o espaço para os debates, diálogos e conquistas na esfera jurídica, servindo, também, como vitrine para a violência cotidiana sobre as LGBTs. Os meios de comunicação, propulsores e impulsionadores de uma dinâmica política, figuram como arenas para a disputa dos imaginários em torno das temáticas aqui apontadas.

O GLOBO • RIO • PÁGINA 9 • Edição: 27/06/2005 • Impresso: 26/06/2005 — 22: 04 h

PRETO/BRANCO

Segunda-feira, 27 de junho de 2005

O GLOBO

RIO • 9

O arco-íris enfeita orla de Copacabana

Organizadores e PM discordam sobre número de pessoas na parada gay

Busca Porto e Pedro Casitas

• A 18ª Parada do Orgulho Gay do Rio, que aconteceu ontem na Avenida Atlântica, em Copacabana, enrolou-se na sua principal bandeira: a diferença. A discórdia entre os números de participantes estimados pela Polícia Militar, que avaliou os manifestantes em 400 mil, e os organizadores, que calcularam 800 mil pessoas, deixou dúvidas sobre o poder de mobilização do movimento que reúne gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e simpatizantes na cidade.

Por volta das 17h, Cláudio Nascimento, presidente do Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual, ONG que organiza o evento, anunciou que 800 mil pessoas estavam presentes ao evento.

— Agora não somos a segunda maior parada do mundo — comemorou ele.

Cerca de uma hora depois, o coronel Celso Nogueira, comandante do 19º BPM (Copacabana), informou que havia apenas 40 mil pessoas. Pouco depois, o coronel disse que na verdade 400 mil pessoas estavam na parada gay.

Marina Lima e Fernanda Abreu desam selinho

Segundo Nogueira, 25 bandeirinhas foram detidas para averiguação durante o evento. Outras duas pessoas foram presas por ruído. A parada começou às 13h, próximo ao Forte de Copacabana, e terminou por volta das 20h, em frente ao hotel Méridian. A aprovação pelo Congresso do projeto de lei civil entre pessoas do mesmo sexo foi a principal bandeira da passeata.

Políticos como o ministro-chefe da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Nilmaro Miranda, e o diretor da Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural, Sérgio Mamberti, e artistas como as cantoras Marina Lima e Fernanda Abreu participaram da passeata. Marina e Fernanda desam um selinho e levaram o público ao delírio. O mais ovacionado dos lançamentos, no entanto, foi Jean Wyllys, vencedor do último "Big Brother Brasil".

Casal vindo de Curitiba protesta de smoking

Antes mesmo do início do evento, casais homossexuais, drag queens e curlers já se aglomeraram nas imediações do Forte de Copacabana.

— Vim de São Paulo porque vivo com meu parceiro há 19 anos e há dez o projeto de lei civil já foi aprovado no Congresso — disse Altivo de Almeida, caracterizado como a drag queen Stacy Girl.

Os curitibanos Tost Reis e David Harad estavam de smoking para protestar.

— Já registramos nossa parceria em cartório, mas isto não garante que, em caso de morte, meus bens fiquem com David — afirmou Reis. ■

NO GLOBO ONLINE:
Outras fotos do evento
www.globo.com.br

A AVENIDA Andressa vota de cima para a PM, 400 mil pessoas foram à parada, para os organizadores, 800 mil

A ESTÁTUA do poeta Carlos Drummond de Andrade, no calçadão, enfeitada por manifestantes

FERNANDA ABREU e Marina Lima se beijam lá enquanto a participante caminha a bandeira do movimento gay (à direita)






Figura 2 - O Globo, O Globo, Primeiro Caderno, pág. 09, 27/06/2005

A construção midiática ao elaborar o evento, não consegue produzir efeito na formulação de leis ou aquisição de direitos, mas dá visibilidade e produz uma simulação junto à opinião pública, capaz de expandir e impulsionar as ações na Parada do Orgulho Gay no Rio. Ela amplia o campo discursivo e estabelece a possibilidade para brechas serem preenchidas e ocupadas pela diversidade. Assim, é nessa relação com o mundo, como afirma Breton, que há possibilidade de novas inscrições, significados e sentimentos sobre o reconhecimento do outro. Inscreve o conflito e produz a dinâmica

para significar os diferentes através do contato com o diverso, o múltiplo. Nesse contexto, a mídia vincula um papel de impulsionar e estabelecer, no campo das lutas, as visibilidades que podem projetar as mudanças, como podemos ver na decisão do STF sobre Resolução n. 175, de 14 de maio de 2013, aprovada durante a 169ª Sessão Plenária do Conselho Nacional de Justiça (CNJ)¹ e o reconhecimento do nome social² para os LGBTs.

6) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FACCHINI, Regina. *Histórico da luta de LGBT no Brasil: movimento é referência fundamental para pensarmos temas como diferença, desigualdade, diversidade e identidade na sociedade brasileira contemporânea*. Revista Pre.Univesp, N° 60 Capitalismo e Sustentabilidade, dez.2016 e jan.2017. Disponível em: <http://pre.univesp.br/historico-da-luta-lgbt-no-brasil#.WDImUH3g2G1>

FREITAS, Ricardo Ferreira, LINS, Flávio e SANTOS, Maria Helena Carmo dos. *Megaeventos: motores de transformação social*. XXIII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Pará, 27 a 30 maio 2014.

_____. *Brasil em 8 minutos: a (re)apresentação dos país na cerimônia de encerramento da Olimpíada de 2012*. XXII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal da Bahia, 04 a 07 jun 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tadeu da Silva e Guaraci Lopes Louro. 5ª ed., Rio de Janeiro, 2001.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo, Ed. 34, 2003.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Trad. Luís Alberto Salton Peretti. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles e CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. Trad. Mário Vilela. São Paulo, Editora Bacarolla, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro, Record, 2001.

¹ Disponível em:

<http://www2.stf.jus.br/portalStfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletter>
PortalInternacionalDestques&idConteudo=238515

² Disponível em:

<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/04/dilma-autoriza-gays-usar-nome-social-no-servico-publico-federal.html>

MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

MATTOS, Patrícia. *A sociologia política do reconhecimento: as contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser*. São Paulo, Annablume, 2006.

MENDONÇA, Antonio Sergio. *A Psicanálise, a mídia e o consumo*. Centro de Estudos Lacaneanos, Porto Alegre, Ano10, nº 12, 2002/2003.

PARIS, Gisele Santana. *Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro: um desfile-mobilização e suas estratégias comunicativas*. Mestrado em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RAMOS, Silvia e CARRARA, Sérgio. *A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas*. Revista Physis: Revista Coletiva de Saúde, On-line version ISSN 1809-4481. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312006000200004, acessado em novembro de 2015.

SÁNCHEZ, Fernanda. *A reinvenção das cidades na virada do século: agentes, estratégias e escalas de ação política*. Curitiba, Revista Sociologia Política, vol. 16, junho 2009.

SENETT, Richard. *Carne e pedra*. Trad. Marcos Aarão Reis. 3ª ed., Rio de Janeiro, Record. 2003.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *Corpo, construção social das emoções e produção de sentidos na comunicação*. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (org.). *Corpo, construção social das emoções e produção de sentidos na comunicação*. Porto Alegre, Sulina, 2015. p. 15-35.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira e FARIA, Aline Faria de. *Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas*. São Paulo, Revista Comunicação, mídia e consumo, vol. 4, nº 9, março, 2007.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira e FERREIRA, Marcelus Gonçalves. *O corpo na cidade, a cidade e a tecnologia na arte*. Rio de Janeiro, Revista Alceu, vol. 13, nº 26, jan-jun 2013.

SOUZA, Jessé. *Uma teoria crítica do reconhecimento*. São Paulo, Revista Lua Nova, nº 50, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452000000200008. Acessado em 13 julho 2014.